



## AS BASES PSÍQUICAS DA FANTASIA, O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E A HUMANIZAÇÃO EM PINÓQUIO

PEREIRA, Marcos Aparecido<sup>1</sup>  
MAGALHÃES, Epaminondas de Matos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa refletir sobre a fantasia enquanto gênero literário que estabelece suas bases sobre as profundezas de nossa psique, levando o leitor a contemplar e vivenciar o impossível, transpondo os limites de sua situação existencial e expandindo as experiências individuais. Nesse sentido, buscaremos compreender como instâncias inconscientes imagéticas, simbólicas e arquetípicas se manifestam nessa criação estética, na tentativa de mimetizar um mundo incompreensível, intangível e imensurável que se equilibra com o homem em sua dimensão material e lógico-racional. Por fim, com base na figura do personagem Pinóquio, criado por Carlo Collodi, empreenderemos uma reflexão acerca de como a articulação de experiências reais e psíquicas são imprescindíveis na transposição de estágios psíquicos, no autoconhecimento, no conhecimento de mundo e no processo de individuação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fantasia; psiquismo; transcendência; individuação.

## THE PSYCHIC BASES OF FANTASY, THE INDIVIDUATION PROCESS AND HUMANIZATION IN PINOCCHIO

**ABSTRACT:** This work aims to reflect on fantasy as a literary genre that establishes its foundations on the depths of our psyche, leading the reader to contemplate and experience the impossible, crossing the limits of their existence and expanding as an individual's experience. In this sense, we will seek to

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários – UNEMAT; Mestre em Ensino – IFMT; Docente IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo e PPGEN – IFMT; [marcos.pereira@ifmt.edu.br](mailto:marcos.pereira@ifmt.edu.br), <https://orcid.org/0000-0001-9498-8248>;

<sup>2</sup> Doutor em Letras PUC-RS; Docente IFMT Campus Pontes e Lacerda – Fronteira Oeste, PPGEN- IFMT; PPGEL – UNEMAT; [epaminondas.magalhaes@ifmt.edu.br](mailto:epaminondas.magalhaes@ifmt.edu.br), <https://orcid.org/0000-0002-6070-219X>;



understand how unconscious imagery, symbolic and archetypal instances are manifested in this aesthetic creation, in an attempt to mimic an incomprehensible, intangible and immeasurable world that balances with man in his material and logical-rational dimension. Finally, based on the figure of the character Pinocchio, created by Carlo Collodi, we will undertake a reflection on how the articulation of real and psychic experiences are essential in the transposition of psychic stages, in the self-knowledge, in the knowledge of the world and in the individuation process.

**KEYWORDS:** Fantasy; psychism; transcendence; individuation.

## INTRODUÇÃO

Antes de abrir as portas para outro mundo além de nós, talvez a fantasia, enquanto gênero literário, abra passagem para um mundo que habita em nós, afinal, é do imaginário e do inconsciente coletivo que afloram nossos sonhos criativos desde os tempos mais remotos. Assim, antes de ser oposta ao real, lógico e concreto, a fantasia expõe a riqueza imagética e simbólica que está na base de nossa constituição e que se harmoniza com nossas experiências reais na formação do indivíduo. Desse modo, mais do que ver um mundo mágico de fenômenos sobrenaturais, esse gênero nos possibilita contemplar as regras próprias do inconsciente, essa instância que faz parte de nosso ser, mas que não podemos controlar, compreender ou explicar em sua plenitude.

Perante essa compreensão, é possível encarar o gênero fantasia como uma elaboração estética que tenta recompor a relação consciente e inconsciente, levando o leitor a explorar percepções que estão para além do material e do racional, e que ainda assim, ajudam a balizar nossas vivências e a traçar os rumos de nossas ações, uma vez que essas não se esquematizam tão somente em pensamentos, mas sim, na articulação de pensamentos, instintos, emoções e sentimentos – essas quatro instâncias que guiam a nossa psique (JUNG, 2016).

Em se tratando da concepção de gênero, Bakhtin (1997) aponta que três elementos constituem um gênero discursivo, poderíamos dizer que a fantasia é formada pela união: 1) do impossível (ainda que, em alguns casos, provisoriamente), 2) de eventos que quebram a ordem do concreto e, ainda, 3) da criação de uma realidade outra; respectivamente, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional que se fundem no todo do enunciado desse gênero. Logo, são narrativas que trazem cenários, enredos e/ou personagens que se afastam do



corriqueiro e do “normal”, introduzindo o leitor num mundo de sonhos; e vale lembrar que, de acordo com Bachelard (2018, p. 73), “a razão não explica os sonhos”.

À vista disso, na parte final deste trabalho, utilizaremos o personagem Pinóquio, de Carlo Collodi, a fim de exemplificar como o entrelaçamento de experiências convergem na composição de um indivíduo, que depende tanto de experiências “reais” quanto “imaginárias” na consolidação e, também, na transposição de estágios psíquicos ao longo da vida e, de modo especial, no caminho da humanização. Desse modo, compreendemos que as representações estéticas que encontramos nesse gênero literário corroboram na descoberta das potencialidades e das possibilidades de experienciar a vida, tanto na ficção quanto fora dela, auxiliando o leitor a dialogar com formas outras de pensar, de sentir, de agir e, especialmente, de ser no mundo, o que por sua vez, é imprescindível ao autoconhecimento e à autoformação.

## **AS BASES PSÍQUICAS DA FANTASIA E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO**

Apesar dos esforços de pensadores como Gaston Bachelard, Mircea Eliade, Carl Jung, Gilbert Durand e outros, o antagonismo entre o real e o imaginário ainda está massivamente presente no pensamento e em práticas socioculturais em nossa época, sendo que, o primeiro é comumente tomado como bom, correto e verdadeiro e o segundo como ruim, enganador e ilusório. Assim, ao longo de séculos, a perspectiva do pensamento vigente afastou o ser humano cada vez de experiências que não fossem concretas, mensuráveis e fundadas no pensamento lógico-racional. No entanto, não é difícil perceber que a nossa espécie não teria se desenvolvido e chegado ao ponto em que estamos sem imaginação, que é, inclusive, base para o pensamento racional, além de potencializadora de vivências, fonte de prazer, de conhecimento e caminho de transformações intrínsecas e extrínsecas. É nesse sentido que Antonio Candido (2011) defende a literatura como meio para colocar o homem no caminho de um processo de humanização, pois por meio da imaginação, ela promove o conhecimento de si e do outro em experiências psíquicas que são, de acordo com Bachelard (2019), mais fortes e mais poderosas que as experiências reais.

Desse modo, toda a vida do ser humano e toda a realidade à sua volta brotam de sua psique, afinal, ele está contido nela (JUNG, 2015). Ou seja, toda corporeidade e a materialidade estão intrinsecamente vinculadas às profundezas de nossa psique, portanto, ainda que de maneira simplificadora, o ser humano seria, na verdade, fragmentos de fantasia que se relacionam com o mundo exterior e material. Nesse viés, o gênero literário definido como

fantasia talvez seja aquele que mais se aproxime de nossa representação essencial e íntima, uma vez que seus fundamentos característicos e substanciais provêm do imaginário, que, de acordo com Durand (2019), seria ao mesmo tempo um conjunto de elementos simbólicos constituído por imagens, símbolos e arquétipos e, ainda, uma atividade transformadora do mundo em busca de ordenança e aprimoramento. Esse imaginário, por sua vez, estaria relacionado ao nosso inconsciente coletivo, que seria: “o tesouro oculto, a fonte inesgotável onde a humanidade sempre buscou seus deuses e demônios e todas as ideias, suas mais fortes e poderosas ideias, sem as quais o ser humano deixa de ser humano” (JUNG, 2015, p. 41).

Isso posto, é possível compreender que o gênero fantasia – em seus mais diferentes subgêneros e estilos – empreende um esforço para lidar com aquilo que está no âmago de nossa constituição, com aquilo que não conseguimos compreender, com a herança imagética e simbólica que habita em nossa mente e que, vez por outra, arranja um jeito de se manifestar a fim de impulsionar-nos ao próximo estágio de nossa individuação. Isso se dá, por exemplo, pela imaginação ou pelos sonhos, que são os dois primeiros degraus nessa jornada que persiste enquanto vivermos. Desse modo, encaramos nossos medos mais profundos, criamos existências e realidades alternativas, experienciamos acontecimentos mágicos ou sobrenaturais, enfim, nos revelamos em mentiras ficcionais (LLOSA, 2016) que expõem nossas várias identidades (LLOSA, 2012). Isso sem contar que, de acordo com Jung (2014), o que compreendemos como mágico é, na verdade, fator psíquico e, além disso, o que definimos como sobrenatural, é compreendido psicologicamente como aquilo que está além da consciência, fundando suas raízes no inconsciente. Portanto, as criações que surgem na literatura, em especial no âmbito da fantasia, seriam representações miméticas de recônditas interações simbólicas, arquetípicas e imagéticas interiorizadas que emergem de nossas memórias filogenéticas e transculturais (RIBEIRO, 2019).

Nessa perspectiva, apoiados em pensadores como Llosa (2016) e Todorov (2009), podemos afirmar que as narrativas desse gênero são muito mais que uma fabulação gratuita ou, ainda, narrativas de entretenimento e prestidigitação desprovidas de transcendência, haja vista que se ligam à tentativa de expressar e compreender o universo instintivo, arquetípico e simbólico que ajuda a formar nossa individualidade. Assim, as experiências mimetizadas na fantasia literária potencializam versões de nós e de nossa realidade, muitas vezes em cenários, situações e concepções de mundo que transcendem as possibilidades de existência do indivíduo em seu contexto social, histórico e cultural. Dessa maneira, tal qual outros textos literários, a leitura desse gênero implica riscos morais e psíquicos para o leitor e para os que o rodeiam

(CANDIDO, 2011); (PETIT, 2013), pois ao levar-nos a uma relação dialógica com outras opções de ser, de pensar e de agir no mundo – que, por sua vez, se configuram para além do real e do material –, cumpre a função transcendente que, no pensamento junguiano, estaria relacionada à união de conteúdos conscientes e inconscientes que levariam a um novo estágio psíquico no processo de individuação. Afinal, todas as vezes que temos contato com uma nova realidade, ficcional ou não, sofremos pequenas metamorfoses particulares, deixamos de ser tão somente nós e nos tornamos sempre outros, trespassados por narrativas e experiências outras que ganham sentido em nossas profundezas, nos guiando em nossa constituição enquanto seres humanos múltiplos, versáteis, fragmentados, contraditórios, constantemente inacabados e em processo de autodescoberta.

Seria possível, inclusive, dizer que a transcendência de estágios psíquicos do ser humano se dá sempre a partir, primeiramente, da interação do que *se é*, do “eu-real” e provisório, com aquilo que *não se é* ou *não sei foi*, portanto, com o “eu-ficcional”. Assim, no que refere à formação da identidade – processo que, segundo Silva (2009), se dá na diferenciação –, seu desenvolvimento acontece, sobretudo, na diferenciação do que somos com o que não somos e é nesse sentido que as ficções literárias nos fazem viver o “impossível” e ultrapassar os limites da nossa condição de existência real, oferecendo-nos acesso aos muitos desejos e fantasias que nossa vida exige cotidianamente (LLOSA, 2012). Nessa compreensão, as narrativas de fantasia são capazes de intensificar, incrementar e fortalecer nosso diálogo com o outro e suas representações e, portanto, estimular nosso diálogo interior com as possibilidades de ser e de atuar no mundo.

Isso posto, concluímos que a experimentação de narrativas de fantasia favorece o processo de humanização, especialmente no que se refere ao diálogo com nossas instâncias inconscientes, fato que ainda contribui para o autoconhecimento e o conhecimento do mundo. Portanto, esse tipo de experimentação corrobora na descoberta das potencialidades e das possibilidades de existir. Afinal, nem o mundo e nem o ser humano se limitam unicamente ao lógico, racional e material, escondendo sempre eventos e fenômenos que muitas vezes estão além de nosso pleno entendimento e esclarecimento. Portanto, a fantasia incita a experimentação do “eu” em suas mais plurivalentes versões numa confluência de pensamentos, sentimentos, emoções e instintos que se arranjam e se rearranjam a fim de proporcionar-nos as condições básicas para transcender, progredir e aprimorar-nos em nossa individualidade e subjetividade.



## FANTASIAR HUMANIZA: PINÓQUIO APRENDE A SER O QUE NÃO É

A história de *Pinóquio* ou *As aventuras de Pinóquio* (originalmente *Le avventure di Pinocchio. Storia di un burattino*), escrita pelo italiano Carlo Collodi, seriada entre 1881 e 1883, é uma das narrativas mais populares do mundo, tendo sido lida, adaptada e reproduzida em vários suportes de diferentes maneiras ao longo dos anos, nos mais diferentes idiomas. Essa obra se liga à classificação de “baixa fantasia” por apresentar acontecimentos irracionais que se desenrolam no mundo real, onde não deveriam acontecer, e tem como temática central o desejo de humanização do boneco de madeira criado por Gepeto.

A obra carrega um forte caráter de moralismo e pedagogismo no que se refere, especialmente, ao comportamento das crianças. Mas é no âmbito da fantasia que a criação tem o seu mérito ao colocar-nos frente, não a um boneco de madeira falante, mas a um ser humano em estado bruto, uma criança em condição instintiva que busca constantemente a satisfação do eu e que, aos poucos, vai sendo questionado e relativizado ao longo dos trinta e seis capítulos do livro. Pinóquio é a representação de um estágio do desenvolvimento em que a consciência ainda não estabeleceu as suas fronteiras, logo os limites entre o real, o psicológico, o natural e o sobrenatural apresentam-se de forma ambígua. Desse modo, as forças ainda não dominadas dos instintos regem as ações do menino que deseja tão somente “comer, beber, dormir, [se] divertir e levar a vida de vagabundo de manhã até a noite” (COLLODI, 2016, p. 23).

Além disso, seguindo essa compreensão, há que se notar a configuração do ser cuja mente se inicia no pensamento mágico, em harmonia ou voltado para a natureza, até porque Pinóquio é feito de um tronco da madeira falante e à medida que interage com o mundo, passa a perceber as consequências de suas próprias ações e escolhas; conseqüentemente, passa a constatar a intrincada ligação que demarca as relações sociais, sendo que, nesse percurso, sua credulidade é afetada. Psicologicamente, é esse pensamento mágico que permite que o ser acesse áreas do imaginário comumente rejeitadas pela consciência, proporcionando outras formas de encarar o mundo, algo que pode ser percebido claramente nas crianças e em civilizações nas quais o pensamento lógico-racional do “homem moderno” não tenha firmado suas bases.

Nessa obra, elementos psíquicos como os instintos e os complexos, que na perspectiva junguiana seriam definidos como imagens psíquicas emocionalmente acentuadas e de relativa autonomia, geralmente são representados por animais, provavelmente numa tentativa de distanciar a representação do ser humano que o boneco deseja ser desses domínios primordiais

vinculados à nossa ancestralidade. No entanto, todas as vezes que ele tenta abandonar seus desejos mais inatos, algo acontece, uma nova possibilidade de diversão aparece e, mais uma vez, o boneco de madeira acaba em apuros. A representação máxima dessa situação é quando ele vai para o Paraíso de Diversão e, depois de cinco meses, começa a se transformar num burro. Desse modo, compreende-se que a primeira busca de Pinóquio consiste em identificar e dominar sua herança “animalesca”, herdada e, às vezes, compartilhada com seres que não são humanos, sobretudo, no que concerne à autossatisfação, à sobrevivência e à autopreservação.

A única exceção a isso seria a figura do Grilo-Falante que é comumente interpretado e relacionado à “consciência”, enquanto faculdade julgadora e moralizante. No entanto, sua simbologia aparece relacionada à fortuna, à vitalidade e à sabedoria, haja vista que, em algumas culturas, ele tem relação com a formação de uma *imago* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018), portanto, seria mais possivelmente a representação da imagem do pai formada no inconsciente, uma imagem cuja importância o protagonista rejeita em nome do autocontentamento. Vale lembrar que esse processo é característico da tentativa do ego de opor-se a tudo que lhe é diferente, a fim de demarcar e validar a própria soberania frente ao mundo que o rodeia, algo que, ainda na primeira infância, auxilia no reconhecimento do eu, em contraposição com o outro; afinal, é da alteridade de nossas interações que nasce a nossa identidade.

Ainda no que diz respeito à rejeição do personagem em nome das próprias vontades, algo parecido acontece com a Fada turquesa, que poderia ser associada à ideia presente no inconsciente coletivo de uma energia primordial, total, integrativa entre o consciente e o inconsciente, portanto, que pode ser compreendida como *Imago Dei* (JUNG, 2000, 2015). Assim, Pinóquio desconsidera as imagens fundamentais e originais que emergem da psique, tanto no que diz respeito à figura tangível do pai, quanto na figura intangível da fada. Essas imagens essenciais teriam como função equilibrar as energias primitivas do ego a fim de dar estabilidade à personalidade, integrando e harmonizando aspectos conscientes e inconscientes.

Isso posto, notamos que tanto os aspectos considerados positivos quanto os aspectos considerados negativos das interações de Pinóquio com os eventos desencadeados na obra perpassam pela ação de personagens que, na verdade, mimetizam desejos, impulsos e instintos e também, noções de culpabilidade baseada em preceitos socioculturais arquitetados na psique. Assim, a descrição de personagens enganadores, abjetos e desprovidos de amabilidade se contrapõem a outros delicados, mansos e prestativos, sendo que, na obra, os primeiros podem ser relacionados à Raposa, ao Gato ou à Cobra, ao passo que o segundo grupo contempla o

Grilo, a Fada, o Atum e próprio Gepeto. Ainda há que se notar que entre esses dois grupos há personagens que apresentam algum tipo de “evolução”, como é o caso de Engole-Fogo, que sente pena ou se arrepende e deixa Pinóquio viver; ou, quem sabe, do dono do galinheiro, que, após ter o mistério do roubo de suas galinhas solucionado, teve a honradez de tirar a coleira que aprisionava o boneco.

Desse modo, em Pinóquio encontramos o processo de amadurecimento psíquico da criança mimetizado por meio de elementos característicos da fantasia. É devido a esse processo que o protagonista está a todo instante num verdadeiro dilema entre o que deveria ter feito – ou o que gostaria de ser – com o que, de fato, faz e fez; ou seja, encontra-se num constante diálogo entre o seu “eu-real” e seu “eu-hipotético”. É o descompasso entre o que o protagonista é e o que gostaria – ou o que se supõe que deveria ser – que provoca sofrimento e arrependimento. Por outro lado, vale destacar que é a desordem dessa relação que o faz buscar outras formas de agir, que o tira do estado atual e o direciona a uma disposição de aperfeiçoamento sucessivo.

Nesse sentido, a fantasia ajudaria a configurar a relação entre consciente e inconsciente, demonstrando alegoricamente como o ser humano em sua constituição mais íntima e básica é arquitetado sobre fundações concretas de experiências palpáveis de nossas interações com o mundo físico, e também, de modo especial, de experiências que se desenrolam no interior de nossa mente e que movimentam arquétipos, símbolos e imagens dotadas de pura energia psíquica. É devido a isso que inventamos, sonhamos ou imaginamos fantasias, eventos e realidades distintas em que o impossível sempre se faz presente. Afinal, nossa mente age de forma a remodelar a realidade, tenta compreender aquilo que está para além da consciência e encontrar equilíbrio entre os mundos que nos são peculiares.

Ao final do livro, Pinóquio finalmente se transforma em um menino, porque aprendeu a preocupar-se com os outros e, obviamente, não há nada mais humano que isso; afinal filantropia e altruísmo estão entre as qualidades que prezamos e admiramos em nossa espécie. Entretanto, essas características nascem, antes de tudo, de nossas condições psíquicas na harmonização de nossas energias interiores. A capacidade de fantasiar é o que possibilita ao ser humano colocar-se no lugar do outro, ser o que não é, e com isso, gerar empatia, entrar em sintonia com o mundo do outro, fundamentalmente, nos colocando no caminho da humanização: nossa capacidade de sentir o outro como se fôssemos nós mesmos, respeitando nossas diferenças.

## CONSIDERAÇÕES

Ao final desse percurso poderíamos dizer que o homem precisa cada vez mais de fantasias que possam direcioná-lo a si mesmo, afinal, é por meio da fantasia que temos acesso ao universo invisível que habita em nossa psique – esse mesmo universo que nos leva a fazer escolhas e a praticar ações das quais, às vezes, como Pinóquio, nos arrependemos. Assim, é imprescindível o autoconhecimento e esse só é possível a partir de nossas experimentações que misturam pensamentos, sentimentos, emoções e instintos, ou seja, relacionam esses quatro elementos com o mundo que nos cerca, haja vista que, de acordo com Jung (2014), o mundo que nasce, nasce perante determinado observador.

Nesse sentido, podemos constatar como o gênero literário da fantasia pode contribuir para o processo de individuação no que se refere à sua capacidade singular de fazer o ser humano questionar a própria realidade, a lógica, o concreto e o material. Ou seja, esse gênero potencializa a percepção do indivíduo, ampliando e multiplicando suas perspectivas de interação com o mundo ao limite da imaginação, levando-o a transcender estágios psíquicos, logo, ao aprimoramento pessoal. É nesse viés que a fantasia nos ensina e nos oferece a possibilidade de sermos o que não somos, transpondo as fronteiras do espaço, do tempo e da materialidade. Assim sendo, auxilia o leitor a explorar outras concepções, pensamentos, sentimentos, emoções e, assim, o guia rumo ao descobrimento do outro.

Pinóquio tornou-se humano porque foi capaz de entrar em sintonia com as necessidades do outro, mas, para que isso fosse possível, teve que entrar em sintonia consigo mesmo, encontrar o equilíbrio entre suas próprias energias conscientes e inconscientes e, então, compreender que o ser humano vive num complexo sistema fundamentado em inter-relações de causas e consequências com o mundo que o cerca. Assim, o personagem representa a descoberta do caminho da humanização, que passa por nossas profundezas e nos direciona ao outro em um movimento constante de retorno para nós mesmos. Afinal, é no respeito, na empatia, no altruísmo, na filantropia, ou seja, no diálogo com as necessidades e as energias do outro, que nos tornamos verdadeiramente humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.



- \_\_\_\_\_. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COLLODI, Carlo. *Pinóquio* [versão kindle]. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl G. [et al.] *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Espiritualidade e transcendência*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. *O eu e o inconsciente* [versão kindle]. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LLOSA, Mario Vargas. *A tentação do impossível: Victor Hugo e Os miseráveis*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2012.
- \_\_\_\_\_. *La verdad de las mentiras*. Livro digital. Alfaguara, 2016.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da [et al.]. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.